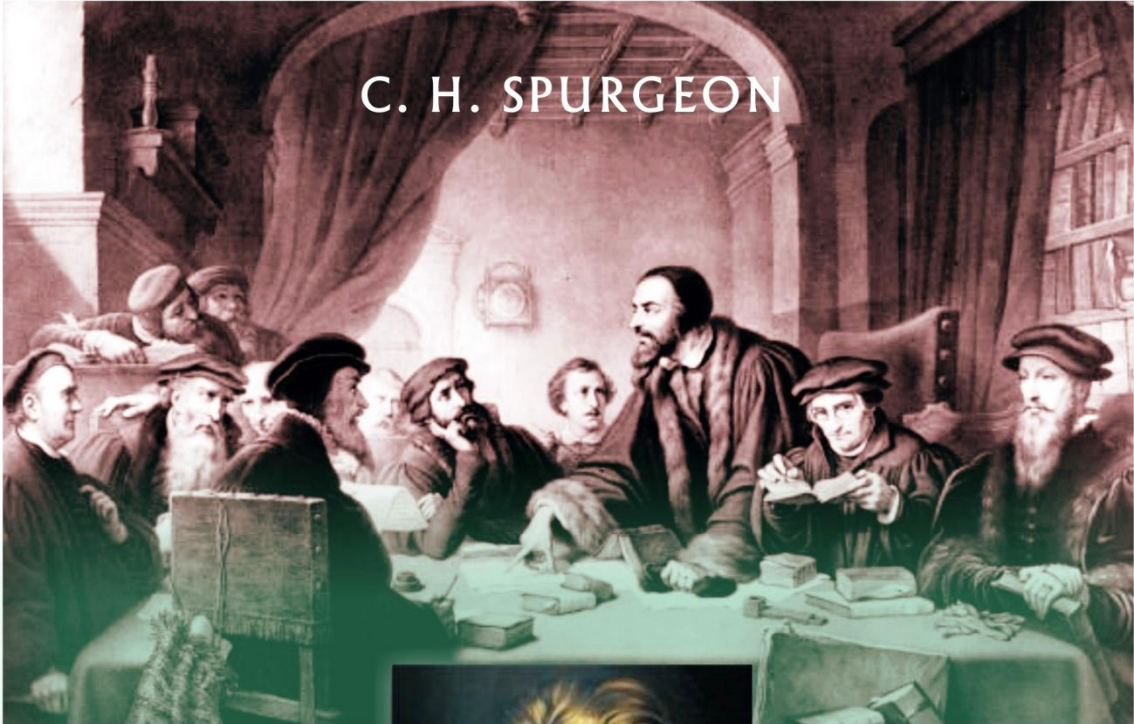


C. H. SPURGEON



UMA DEFESA DO CALVINISMO



Título Original: *A Defense of Calvinism*

Capa: Raniere Menezes

Tradução: Odayr Olivetti¹

Edição e adaptação: Felipe Sabino de Araújo Neto

¹ Não deixe de comprar a versão impressa desse livro: <http://www.editorapes.com.br/> (N. do E.)

“A antiga verdade que Calvino, Agostinho e o apóstolo Paulo pregaram é a verdade que eu também devo pregar hoje; do contrário deixaria de ser fiel à minha consciência e ao meu Deus. Não posso remodelar a verdade; desconheço tal coisa como lapidar uma doutrina bíblica. O evangelho de John Knox é o meu evangelho. Aquilo que trovejou por toda Escócia precisa trovejar novamente por toda a Inglaterra.” – C. H. Spurgeon

É algo grandioso começar a vida cristã acreditando em boas e sólidas doutrinas.² Algumas pessoas ouviram vinte “evangelhos” diferentes durante um espaço de alguns anos; é difícil dizer-se quantos mais eles irão aceitar antes de chegarem ao fim de sua jornada. Sou grato a Deus por ele ter me ensinado o evangelho e tenho estado tão perfeitamente satisfeito com isso que não quero conhecer nenhum outro. Mudanças constantes de credo certamente implicarão em perda para nós. Se uma árvore tiver que ser arrancada duas ou três vezes por ano, certamente você não precisará construir um grande depósito para armazenar as maçãs.

Quando as pessoas estão sempre mudando seus princípios doutrinários, provavelmente elas não produzirão muito fruto para a glória de Deus. É bom que os cristãos jovens comecem com uma firme compreensão daquelas grandes doutrinas fundamentais que o Senhor nos ensina em sua Palavra. Se eu acreditasse no que alguns pregam acerca de uma salvação temporária e passageira, a qual dura somente por algum tempo, dificilmente eu ficaria grato por ela; mas quando eu sei que aqueles que Deus salva, ele os salva com uma salvação eterna, quando eu sei que ele lhes concede uma justiça eterna, quando eu sei que ele os estabelece sobre um fundamento duradouro de amor eterno e que os conduzirá ao seu reino eterno, então eu fico admirado de que uma bênção como essa tenha sido concedida a mim!

***“Silêncio, minh'alma! Adore e admire!
Pergunte: ‘Ah, por que tão grande amor
para comigo?’***

² “Somente usamos o termo ‘calvinismo’ por uma questão de brevidade. A doutrina conhecida como ‘calvinismo’ não teve sua origem em Calvino; acreditamos que ela se originou com o grande Fundador de toda a verdade. Talvez o próprio Calvino a tenha extraído dos escritos de Agostinho. E Agostinho, sem dúvida, chegou às suas conclusões através do Espírito de Deus, a partir do estudo diligente dos escritos de Paulo, o qual, por sua vez, os recebeu do Espírito Santo e de Jesus Cristo, o grande Fundador da era cristã. Portanto, usamos essa designação, não porque atribuímos uma importância especial ao fato de Calvino ter ensinado estas doutrinas. Estaríamos dispostos a chamá-las por qualquer outra designação se pudéssemos achar uma que fosse melhor compreendida e que, em sua totalidade, estivesse de acordo com os fatos.” - C.H.S.

A graça me pôs entre o número

Da família do Senhor -

Aleluia!

Graças, graças eternas, a Ti!”

Acredito que existem algumas pessoas naturalmente inclinadas em direção à doutrina do livre-arbítrio. A única coisa que posso dizer é que a minha mente se inclina, com naturalidade, na direção das doutrinas da graça. Às vezes, quando vejo nas ruas certas pessoas com as piores inclinações, sinto como se o meu coração fosse explodir em lágrimas de gratidão a Deus por ele não ter me permitido agir como uma daquelas pessoas! Eu tenho imaginado que se Deus me tivesse deixado nos meus próprios caminhos, e não me tivesse tocado com a sua graça, que grande pecador eu teria sido! Eu teria percorrido toda a extensão do pecado, teria mergulhado em toda a sua profundidade e tampouco teria deixado de me envolver em qualquer vício ou perversidade, se Deus não me tivesse impedido. Eu sinto que teria sido, de fato, o rei dos pecadores, se Deus tivesse me deixado sozinho. Eu não consigo entender a razão pela qual fui salvo, exceto pelo motivo de que Deus o desejou.

Não posso, mesmo que desejasse ardentemente, encontrar qualquer razão em mim mesmo, pela qual eu deveria participar da graça divina. Se, neste momento, eu não estou sem Cristo, isso é devido somente ao fato de que Cristo Jesus faz cumprir sua vontade em mim, e tal vontade tem em mente que eu esteja com ele onde ele estiver e que eu venha a participar da sua glória. A coroa tem que ser colocada na cabeça daquele cuja graça poderosa livrou-me de mergulhar no abismo.

Olhando para minha vida passada, posso perceber que a origem de tudo isso era Deus e somente dele efetivamente. Eu não possuía uma tocha para acender o sol, foi o sol que me iluminou. Eu não comecei a minha vida espiritual – pelo contrário, eu rejeitava e lutava contra as coisas do Espírito: quando ele me atraiu, por um certo período, eu não o segui; havia em minha alma um ódio natural contra qualquer coisa santa e boa. Advertências de nada valiam para mim – os avisos eram lançados ao vento – os trovões eram desprezados e, em relação aos sussurros de seu amor, eu os rejeitava como se não tivessem qualquer valor.

Todavia, seguramente, posso dizer agora, em relação a mim mesmo, que “somente ele é minha salvação”. Foi ele quem mudou o meu coração e me colocou de joelhos diante dele. Posso dizer verdadeiramente, com Doddridge e Toplady:

“A graça ensinou o meu coração a orar, e fez os meus olhos transbordarem.”

E chegando a este ponto, posso acrescentar:

“Esta graça tem me conservado até este momento, e não me abandonará.”

Lembro-me claramente da maneira pela qual vim a compreender as doutrinas da graça em um só instante. Como todos os homens, por natureza, eu nasci arminiano, e continuava acreditando nas coisas antigas que havia ouvido continuamente do púlpito, e não era capaz de ver a graça de Deus. Quando me achei a Cristo, achava que estava fazendo tudo por mim mesmo e, embora buscasse a Deus com avidez, não imaginava que era o Senhor que estava me buscando. Eu não creio que o recém-convertido esteja consciente desse fato logo no princípio de sua vida cristã. Posso me lembrar exatamente do dia e da hora em que, pela primeira vez, recebi essas verdades em minha alma – quando elas foram, de acordo com o que disse João Bunyan, impressas em meu coração como que com um ferro em brasa, e posso lembrar-me que senti como se tivesse me transformado, subitamente, de um bebê em um homem. Eu havia progredido no conhecimento das Escrituras, tendo encontrado, de uma vez por todas, a chave para a verdade de Deus.

Uma noite, durante a semana, eu estava sentado na casa de Deus e não pensava muito no sermão do pastor, pois não acreditava naquilo. Subitamente, um pensamento atingiu-me: ***“Como você se tornou cristão?”*** Eu busquei o Senhor. ***“Mas como você começou a buscar o Senhor?”*** A verdade brilhou em minha mente num instante – eu não o teria buscado a menos que houvesse uma influência prévia em minha mente que ***me fizesse buscá-lo***. Eu orei, pensava, mas então perguntei a mim mesmo: ***como foi que comecei a orar?*** Eu fui induzido a orar pela leitura das Escrituras. ***Como comecei a ler as Escrituras?*** De fato eu as lia, porém o que levou-me a fazê-lo? Então, subitamente, eu percebi que Deus estava no princípio de tudo, que era ele o Autor de minha fé, e isso de tal forma que toda a doutrina da graça abriu-se para mim e dessa doutrina não me afastei até o dia de hoje, e desejo fazer da seguinte frase a minha constante confissão: ***“eu atribuo minha mudança inteiramente a Deus”***.

Certa vez, assisti a um culto no qual o texto era o seguinte: ***“Ele escolherá nossa herança para nós”***, e o bom homem que ocupava o púlpito era um grande arminiano. Portanto, ao iniciar ele disse: ***“Esta passagem se refere somente à nossa herança na terra, não tem nada a ver com o nosso destino eterno, pois”***, disse ele, ***“nós não queremos que Cristo escolha para nós na questão do céu ou do inferno. É tão simples e claro que qualquer homem que tenha pelo menos um pouco de bom senso escolherá o céu, e que qualquer um saberia que não deve escolher o inferno. Não precisamos que qualquer inteligência ou ser superior escolha entre o céu e o inferno para nós. Isso foi deixado ao nosso próprio livre-arbítrio, e nos foi dada sabedoria suficiente e meios suficientemente corretos para que julgemos por nós mesmos”***, e portanto, como ele deduziu de forma lógica, não há necessidade de que Jesus Cristo ou qualquer outra pessoa faça uma escolha por nós. Podemos decidir por nós mesmos a herança, sem necessidade de qualquer ajuda. ***“Ah!”***, pensei eu,

“meu bom irmão, pode ser verdade que nós *poderíamos*, entretanto acredito que seria necessário mais do que bom senso antes que *conseguíssemos* escolher corretamente.”

Permitam-me perguntar, antes de tudo: será que não precisamos admitir uma Providência controladora e a mão controladora de Jeová como o meio através do qual viemos a este mundo? Aqueles homens que pensam que, depois disso somos deixados ao sabor de nosso próprio livre-arbítrio para escolher este ou aquele para dirigir os nossos passos, devem admitir que nossa entrada neste mundo não ocorreu por decisão própria, e sim por decisão de Deus. Quais as circunstâncias que estavam sob nosso poder e nos levaram a escolher certas pessoas para serem nossos pais? Acaso tivemos alguma coisa a ver com isso? Não foi o próprio Deus que designou nossos pais, local de nascimento e amigos?

Será que ele não poderia ter feito com que eu nascesse com a pele de um africano, ser filho de uma mãe ímpia que ter-me-ia criado em seu credo e me ensinado a dobrar-me diante de deuses pagãos, com a mesma facilidade com que me deu uma mãe piedosa, que dobraria seus joelhos, dia e noite, em oração por mim? Ou será que ele não poderia, se assim lhe agradasse, ter-me dado por pai um homem degenerado, de cujos lábios eu poderia ter ouvido, desde cedo, palavras obscenas e sujas? Não poderia ele ter me dado um pai bêbado, o qual ter-me-ia enclausurado numa verdadeira masmorra de ignorância e me criado nas correntes do crime? Porventura não foi pela providência de Deus que eu tive um destino tão feliz, sendo que meus pais eram seus filhos e se esforçaram para me criar no temor do Senhor?

John Newton costumava contar e rir de uma história curiosa que falava de uma mulher que, para provar a doutrina da eleição, dizia: “ah, meus senhores, o Senhor deve ter me amado antes que eu nascesse, do contrário, ele não teria visto nada em mim para amar depois disso”. Tenho certeza de que isso é verdade em meu caso; eu creio na doutrina da eleição porque estou certo que, se Deus não me tivesse eleito, eu jamais o teria escolhido; e estou seguro de que ele me elegeu antes que eu tivesse nascido, caso contrário ele nunca teria me escolhido depois. E ele deve ter me escolhido por razões desconhecidas para mim, pois eu nunca fui capaz de encontrar qualquer razão em mim mesmo para que ele dedicasse um amor especial a mim. Assim sendo, sou obrigado a aceitar essa grande doutrina bíblica.

Lembro-me de um irmão arminiano me dizer que havia lido toda a Bíblia várias e várias vezes e que não havia sido capaz de encontrar a doutrina da eleição nela. Ele acrescentou que estava certo que a teria encontrada se ela estivesse lá, pois ele costumava ler as Escrituras de joelhos. Eu disse a ele: “Acho que você lê a Bíblia numa posição muito desconfortável; se você a tivesse lido sentado numa cadeira estofada, teria tido mais possibilidade de compreendê-la. Ore de todas as maneiras e quanto mais melhor, mas é um

tanto supersticioso acreditar que haja algo de especial na posição na qual um homem se coloca para ler. Quanto a ter lido a Bíblia vinte vezes sem ter encontrado nada sobre a doutrina da eleição, é suficiente para que me admire que você tenha encontrado coisa alguma nela; deve ter galopado sobre ela com tal velocidade que, provavelmente, não pode ter nenhuma idéia inteligível do significado das Escrituras”.

Se achamos maravilhoso contemplar um rio que surge da terra de forma caudalosa, quanto mais se pudermos ver a grande fonte da qual todos os rios da terra procedem subitamente, borbulhando, um milhão deles de uma só vez? Que visão seria essa e quem poderá conceber isso! E no entanto, o amor de Deus é essa fonte da qual procedem todos os rios de misericórdia que têm alegrado a raça humana – todos os rios da graça durante a nossa vida e na glória por vir. Alma minha, permanece diante dessa fonte sagrada, adorando e exaltando para sempre Deus, nosso Pai, que nos amou!

No princípio, quando este grande universo estava nos planos de Deus como se fossem florestas ainda por florescer, os ecos desse amor soavam na solidão; antes que as montanhas surgissem e de que a luz iluminasse o céu, Deus amou suas criaturas eleitas. Antes que existisse qualquer criatura – quando ainda não havia asas angélicas, quando o próprio espaço ainda não existia, quando nada mais havia, exceto Deus somente – mesmo naquele instante, na solidão da Deidade e naquele silêncio e profundidade, suas entranhas eram movidas com amor pelos seus eleitos. Seus nomes estavam escritos sobre o seu coração e naquele instante eles eram amados por sua alma. Jesus amou o Seu povo antes da fundação do mundo – desde a eternidade! Quando Ele me chamou pela sua graça, disse-me: “Com amor eterno eu te amei: portanto com misericórdia tenho te atraído”.

Então, na plenitude do tempo, ele me comprou com seu sangue; ele permitiu que seu coração sangrasse através de uma ferida profunda por minha causa, muito antes que eu o amasse. Sim, eu não o rejeitei quando ele se aproximou de mim pela primeira vez? Quando ele bateu à porta e pediu para entrar, acaso não o mandei embora e desprezei a sua graça? Posso lembrar-me quão freqüentemente fiz isso até que, finalmente, pelo poder de sua graça eficaz, ele me disse: “Eu tenho que entrar, eu entrarei”. Então transformou meu coração e fez com que eu o amasse. Não fosse a sua graça, até este exato momento eu lhe teria resistido.

Muito bem, então, já que Ele me comprou quando eu estava morto em meus pecados, não deveríamos concluir como uma conseqüência lógica e necessária que ele deve ter me amado primeiro? O meu Salvador morreu por mim por que eu acreditava nele? Não, eu nem sequer existia, não era um ser vivo. Portanto, será que o Salvador teria morrido por causa da minha fé, quando eu ainda não tinha sequer nascido? Será que isso é possível? Será que essa poderia ter sido a causa do amor do Salvador por mim? Oh, não, meu

Salvador morreu por mim muito antes que eu houvesse crido. “Ora”, pode dizer alguém, “Ele previu que você teria fé e, portanto, ele o amou.” O que foi que ele previu acerca da minha fé? Será que ele previu que eu conseguiria aquela fé através de mim mesmo e que eu creria nele a partir de mim mesmo? Não, Cristo não previu isso, uma vez que nenhum cristão irá afirmar jamais que a fé surgiu de si mesmo sem o dom e a obra do Espírito Santo. Eu tenho encontrado muitos crentes piedosos e conversado com eles sobre este assunto, mas eu jamais conheci alguém que, colocando a mão sobre seu coração, dissesse: “Eu cri em Jesus sem a ajuda do Espírito Santo”.

Eu me apego à doutrina da depravação do coração humano porque eu me considero depravado em meu coração, e possuo provas diárias de que em minha carne não habita bem algum. Se Deus entra em aliança com o homem caído, este é uma criatura tão insignificante que isso deve ser um ato de graciosa condescendência da parte do Senhor; mas se Deus entra em aliança com o homem *pecador*, este é uma criatura tão ofensiva que isso deve ser um ato de graça soberana, rica, pura e livre. Quando o Senhor fez uma aliança comigo, estou certo que isso se deveu inteiramente à graça, nada mais do que à sua graça. Quando me lembro de que meu coração era um covil de feras e aves impuras e de quão forte era minha vontade não regenerada, quão obstinada e rebelde contra a soberania do domínio divino, eu sempre me sinto inclinado a permanecer no mais humilde quarto na casa de meu Pai e, quando eu entrar no céu, será para estar entre os menores de todos os santos e entre os principais pecadores.

O falecido sr. Denham colocou ao pé do seu retrato uma frase admirável: “A salvação é do Senhor”. Isso representa a substância e a conclusão do calvinismo. Se alguém me perguntasse o que eu quero dizer com ser um calvinista, eu lhe responderia: “É alguém que diz que a salvação é do Senhor”. Eu não consigo achar nas Escrituras outra doutrina além dessa. É a essência da Bíblia. “Somente ele é a minha rocha e a minha salvação.” Mostre-me alguma coisa contrária a essa verdade e ela será uma heresia; mostre-me uma heresia e eu encontrarei a essência dela no fato de ter abandonado esta grande e fundamental verdade: “Deus é a minha rocha e a minha salvação”.

Qual é a heresia da igreja de Roma senão o fato de ter acrescentado alguma coisa aos méritos perfeitos de Jesus Cristo – o acréscimo das obras da carne para ajudar em nossa justificação? E o que é a heresia do arminianismo senão o acréscimo de algo à obra do Redentor? Toda heresia, quando examinada em profundidade, revelará seu ponto fraco nesse aspecto. Eu pessoalmente acredito que não seja possível pregar a Cristo e ele crucificado, a menos que estejamos pregando o que hoje é conhecido como calvinismo. O calvinismo é apenas um apelido; o calvinismo é o evangelho e nada mais. Eu não creio que possamos pregar o evangelho se não pregarmos a justificação pela fé sem obras, nem podemos pregá-lo, a menos que preguemos a

soberania de Deus em sua dispensação de graça, nem a menos que exaltemos o amor imutável, eterno, eletivo e conquistador de Jeová.

Eu também não acredito que possamos pregar o evangelho, a menos que nos baseemos na redenção especial e particular do povo eleito de Deus, redenção essa efetuada por Cristo na cruz; nem tampouco compreendo um evangelho que permita que os santos venham a cair depois de terem sido chamados; admita que os filhos de Deus sejam queimados no fogo da condenação após terem crido uma vez em Cristo. Tal evangelho eu detesto.

*Se pudesse acontecer
Que ovelhas de Cristo se perdessem,
Minh 'alma instável e débil, infelizmente
Cairia mil vezes por dia.*

Se um dos queridos santos de Deus tivesse perecido, o mesmo poderia acontecer com todos os demais; se um dos membros da aliança se perde, o mesmo pode ocorrer com todos e então deixa de existir qualquer verdadeira promessa evangélica, a Bíblia é uma mentira e não há nada nela digno de aceitação. Eu me tornarei um infiel no exato momento em que vier a crer que um santo de Deus possa, um dia, cair eternamente. Se Deus me amou uma vez, então ele me amará para sempre. Deus possui uma mente controladora; ele coordenou todas as coisas em seu gigantesco intelecto antes que as fizesse; e uma vez tendo determinado isso, ele jamais faz alterações. Diz ele: “Isto será feito” e a mão férrea do destino o registra e faz com que aconteça. “Este é o meu propósito” e isto permanecerá; nem a terra, nem o inferno podem alterá-lo. “Este é o meu decreto”, diz ele, “promulguem-no, santos anjos, arranquem-no dos portões do céu, ó demônios, se é que podem; mas vocês não podem alterar o decreto divino, ele permanece para sempre”.

Deus não altera os seus planos e por que deveria? Ele é Todo-poderoso, e portanto pode realizar tudo o que for do seu agrado. Por que ele o faria? Ele é perfeitamente sábio, e portanto não poderia ter planejado alguma coisa errada. Por que ele deveria? Ele é o Deus eterno e portanto poderia morrer antes que seu plano venha a falhar. Por que deveria ele mudar? Vocês, indignos átomos da terra, criaturas efêmeras, insetos rastejantes sobre esta folha de existência, *voçês*, sim, podem mudar os seus planos, mas ele jamais mudará os *dele*. Acaso ele me disse que o seu plano é de me salvar? Então estou seguro para sempre.

*Meu nome, das palmas das Suas mãos,
A eternidade jamais apagará;
Impresso no Seu coração permanece
Em marcas de graça indelével.*

Eu não consigo entender como algumas pessoas que acreditam que um cristão pode cair da graça, conseguem ser felizes. Deve ser algo muito

louvável para eles serem capazes de viver por um dia sem se desesperarem. Se eu não acreditasse na doutrina da perseverança final dos santos eu creio que seria o mais miserável de todos os homens, pois não teria qualquer base de consolo. Qualquer que fosse o estado a que chegasse o meu coração, eu não poderia dizer que seria como uma fonte de água, cuja corrente não desaparece, eu teria que usar a analogia de uma fonte intermitente a qual poderia parar subitamente, ou de um reservatório do qual não tenho nenhuma razão para esperar que esteja sempre cheio. Eu creio que os mais felizes e verdadeiros cristãos são aqueles que não ousam duvidar de Deus, mas que, pelo contrário, se apropriam de sua Palavra da forma simples como ela é, crêem nela, sem fazer perguntas, sentindo-se seguros pelo simples fato de que Deus falou e assim acontecerá.

Posso testificar voluntariamente que não tenho nenhum motivo, por menor que seja, para duvidar do meu Senhor e desafio céus, terra e inferno a apresentar alguma prova de que Deus é mentiroso. Os demônios das profundezas do inferno e os crentes afligidos e provados desta terra eu conclamo, aos céus eu apelo e desafio através da longa experiência da multidão lavada pelo sangue e sei que não se encontrará uma única pessoa nesses três reinos que possa testemunhar sequer um fato que desminta a fidelidade de Deus, ou enfraqueça sua afirmação de que seus servos podem nele confiar. Há muitas coisas que podem acontecer, ou que talvez não aconteçam, mas sei de uma coisa que *acontecerá*:

*Ele apresentará a minh 'alma
Imaculada e completa
Perante a glória da Sua face,
Com alegrias divinamente grandiosas*

Todos os propósitos do homem têm sido derrotados, porém o mesmo não ocorre com os propósitos de Deus. As promessas do homem podem ser quebradas – muitas delas são feitas para serem quebradas – contudo todas as promessas de Deus serão cumpridas. Ele é um estabelecedor de promessas, mas ele nunca foi um transgressor de promessas; ele é um Deus que mantém a sua promessa e cada um dos seus remidos poderá provar que isso é verdadeiro. A minha confiança, grata e pessoal, é que “O Senhor aperfeiçoará o que *me* concerne” – indigno, perdido e arruinado pecador que sou. Ele me salvará e –

*Eu, entre a multidão dos redimidos
Acenarei a palma, usarei uma coroa
E clamarei em alta voz a vitória.*

Vou para um país onde o arado da terra nunca arou, onde a vegetação é mais verde do que os melhores pastos terrenos e mais rica do que as melhores

safra já vistas. Vou para uma mansão de arquitetura mais bela do que o homem jamais construiu; ela não foi desenhada por nenhum mortal, antes é “um edifício da parte de Deus, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”. Tudo o que saberei e desfrutarei no céu ser-me-á dado pelo Senhor, e quando afinal eu comparecer perante ele, direi:

*A graça coroará toda a obra
Eternamente,
Ela porá no céu a pedra capular suprema
E por isso bem merece o louvor.*

Eu conheço alguns que pensam ser necessário ao seu sistema de teologia limitar o mérito do sangue de Jesus; se o meu sistema teológico necessitasse de tal limitação eu o abandonaria. Eu não posso e não ousa permitir que tal pensamento encontre lugar em minha mente, pois ele parece muito próximo da blasfêmia. Na obra consumada de Cristo eu vejo um oceano de mérito; meu prumo não chega até o fundo, meus olhos não vêm a terra. Deve haver eficácia suficiente no sangue de Cristo para que fossem salvos, se Deus assim o desejasse, não somente todo este mundo, bem como dez mil mundos, se eles tivessem transgredido a vontade do seu Criador. Uma vez admitida a infinitude neste aspecto e os limites ficam fora de questão. Visto que temos uma Pessoa divina como oferta, não é coerente pensarmos em termos de valores limitados; medidas e limites são termos não aplicáveis ao sacrifício divino.

A intenção do propósito divino fixa a *aplicação* da oferta infinita, porém não a transforma numa obra finita. Pensem na quantidade de pessoas para as quais Deus já concedeu sua graça. Pensem nas incontáveis hostes celestiais; se você fosse introduzido lá hoje, seria mais fácil contar as estrelas do céu ou as areias do mar, do que enumerar as multidões que estão neste momento diante do trono. Elas vieram do oriente, do ocidente, do norte e do sul e estão agora sentadas com Abraão, Isaque e Jacó no Reino de Deus.

E além desses no céu, pensem nos salvos na terra. Louvado seja Deus, seus eleitos sobre a terra podem ser contados aos milhões, creio eu, e dias virão, mais animadores do que os atuais, quando haverá multidões e multidões que serão levadas a conhecer o Senhor e a se regozijarem nele. O amor do Pai não se destina a apenas uns poucos, e sim também a um incontável número de pessoas. “Uma grande multidão, a qual nenhum homem pode contar”, estará no céu. Um homem pode contar até números bem altos; coloquem para trabalhar os seus Newtons, suas mais poderosas calculadoras e certamente eles poderão contar grandes números, mas Deus, e ele somente, pode contar a multidão dos seus redimidos. Eu creio que haverá mais pessoas no céu do que no inferno. Se alguém me perguntar por que eu penso assim eu responderia: porque Cristo deve “ter a preeminência” em todas as coisas e eu não consigo conceber como ele poderia ter a preeminência se houvesse mais pessoas nos

domínios de satanás do que no paraíso. Além disso, eu jamais li alguma coisa afirmando que no inferno haveria uma grande multidão que nenhum homem poderia contar.

Eu me regozijo em saber que as almas de todas as crianças, assim que morrem, vão direto para o paraíso. Pensem na multidão delas que está lá! Já estão também no céu incontáveis miríades de espíritos de homens justos aperfeiçoados – os redimidos de todas as nações, tribos, povos e línguas até este momento; e dias melhores virão, quando a religião de Cristo será universal; quando

“Ele reinará de uma extremidade a outra, com poder ilimitado”,³

quando reinos inteiros se dobrarão diante dele e nações nascerão em um dia e nos mil anos no grande estado milenar haverá salvos suficientes para reparar as deficiências dos milhares de anos que o antecederam. Cristo será o Senhor em toda parte e o seu louvor se fará ouvir em todas as terras. Cristo terá finalmente a preeminência; o seu séquito será muito maior do que aquele que estará seguindo a carruagem do repugnante monarca do inferno.

Algumas pessoas, amantes da doutrina da expiação universal, dizem: “Ela é tão linda. É uma idéia maravilhosa que Cristo tenha morrido por todos os homens; é auto-elogiável diante dos instintos da humanidade; há algo nela cheio de alegria e beleza”. Eu admito que isso exista, porém a beleza pode muitas vezes estar associada com a falsidade. Existe muita coisa que eu possa admirar na teoria da redenção universal, mas eu vou mostrar-lhes o que necessariamente envolve essa suposição. Se Cristo pretendia salvar na cruz todos os homens, então ele pretendia salvar aqueles que já estavam perdidos antes que ele morresse. Se a doutrina for verdadeira, que ele morreu por todos os homens, então ele morreu por alguns que estavam no inferno antes que ele viesse a este mundo, pois, certamente, já havia milhares deles lá, os quais haviam sido rejeitados por causa de seus pecados.

Outra coisa: se a intenção de Cristo era salvar todos os homens, quão lamentavelmente desapontado ele deve ter ficado, pois temos o seu próprio testemunho de que existe um lago onde queima fogo e enxofre, e naquele abismo de tristeza foram lançadas algumas das pessoas que, de acordo com a teoria da redenção universal, haviam sido compradas com o seu sangue. Essa idéia me parece mil vezes mais repulsiva do que quaisquer das conseqüências que, supostamente, estão associadas com a doutrina cristã e calvinista da redenção especial e particular. Pensar que o meu Salvador morreu por homens que estavam ou estão no inferno, apresenta-se a mim como uma suposição horrível demais para que eu possa acolhê-la. Imaginar por um momento sequer, que ele foi o substituto de todos os filhos dos homens e que Deus, tendo primeiramente punido o substituto, pune depois os próprios pecadores, parece entrar em conflito com todas as minhas idéias da justiça divina.

³ Sobre isso, ler o excelente livro de Kenneth Gentry, *He Shall Have Dominion*. (N. do E.)

Que Cristo tenha oferecido uma expiação e satisfação pelos pecados de todos os homens e que depois disso alguns desses mesmos homens fossem punidos pelos pecados que Cristo já havia expiado, parece-me ser a iniquidade mais monstruosa que poderia jamais ter sido imputada a Saturno, a Juno, à deusa dos tuges (mafiosos) ou às mais diabólicas divindades pagas. Longe de nós que venhamos alguma vez a pensar assim de Deus, que é justo, sábio e bom!

Ninguém crê mais nas doutrinas da graça do que eu, e se alguém me perguntar se tenho vergonha de ser chamado de calvinista, eu responderia que gostaria de ser conhecido por nada mais do que um cristão; todavia, se vocês me perguntarem se eu partilho das mesmas concepções doutrinárias de João Calvino, eu responderia que, em geral, sim, e que me regozijo em apoiá-las. Não obstante, longe de mim sequer imaginar que entre os muros de Sião haja somente cristãos calvinistas ou que, aqueles que não compartilham das nossas idéias não serão salvos. As coisas mais terríveis têm sido ditas acerca de João Wesley, o príncipe dos arminianos modernos.

Com relação a ele, só posso dizer que, embora eu deteste muitas das doutrinas que ele pregava, no entanto, em relação ao homem em si, eu o reverencio como a nenhum outro wesleyano e que, se tivéssemos que acrescentar dois apóstolos aos doze, creio que não existiriam dois homens mais capazes do que George Whitefield e João Wesley.

O caráter de João Wesley permanece acima de qualquer suspeita em relação ao seu zelo, santidade, auto-sacrifício e comunhão com Deus; ele viveu muito acima do nível de vida dos cristãos comuns e foi um “dos quais o mundo não era digno”. Eu acredito que existem milhares de homens que não conseguem ver essas doutrinas ou que, pelo menos, não da forma como as coloquei, os quais, contudo, receberam a Cristo como seu Salvador e são tão queridos para o coração do Deus da graça, quanto os calvinistas mais ortodoxos, quer estejam dentro ou fora do céu.

Não creio que haja diferenças entre o que creio e o que crêem os meus irmãos hiper-calvinistas. Difiro deles no que eles não crêem. Eu não acredito em menos coisas do que eles, e sim num pouco mais do que eles e, acredito que seja um pouco mais da verdade revelada nas Escrituras. Não existem somente algumas doutrinas pelas quais devemos dirigir nosso barco para norte, sul, leste ou oeste; à medida em que progredimos, começamos a aprender algo sobre o noroeste e o nordeste e tudo o mais que se situa entre os quatro pontos cardeais. O sistema de verdades revelado nas Escrituras não se constitui somente de uma linha reta, porém de duas; e nenhum homem poderá obter uma visão correta do evangelho até que ele saiba como olhar para as duas linhas simultaneamente.

Por exemplo, eu leio num dos livros da Bíblia: “O Espírito e a noiva dizem: vem. E aquele que ouve diga: vem. Aquele que tem sede, venha, e

quem quiser receba de graça a água da vida”. No entanto, sou ensinado em outra parte da mesma Palavra inspirada que “não é daquele que deseja, nem daquele que corre, mas de Deus que mostra misericórdia”. Eu vejo, por um lado, Deus presidindo em sua providência sobre todas as coisas e, no entanto, não posso deixar de ver também que o homem age como ele bem entende e que Deus tem permitido, em grande medida, que suas ações sejam governadas por seu livre-arbítrio. Entretanto, se eu declarasse que o homem tem liberdade suficiente para que pudesse agir sem o controle de Deus sobre suas atitudes, eu estaria muito próximo do ateísmo.

Se, por outro lado, eu declarasse que Deus controla tudo de tal maneira que o homem deixa de ser livre o suficiente para ser responsável, eu estaria muito próximo do antinomianismo ou do fatalismo. Que Deus predestina e que o homem é responsável, são dois fatos que poucos podem ver claramente. Acredita-se que eles sejam incoerentes e contraditórios, mas não são. A falha está na nossa fraca avaliação. Duas verdades não podem ser contrárias uma a outra. Se, por um lado, eu sou ensinado em parte da Bíblia que todas as coisas foram predeterminadas, *isso é verdade*; se, por outro lado, eu encontro em outra parte da Bíblia, que o homem é responsável por seus atos, *isso também é verdade*. É somente a minha insensatez que me leva a imaginar que essas duas verdades poderiam ser contraditórias.⁴ Eu não creio que elas possam jamais ser caldeadas em nenhuma bigorna aqui na terra, mas certamente serão unidas na eternidade. Elas representam duas linhas quase paralelas, tão próximas, que, quando a mente humana tenta segui-las por uma grande distância, jamais descobrirá que elas são convergentes, porém na verdade elas são e elas se encontrarão em algum lugar na eternidade, num local próximo ao trono de Deus, do qual toda verdade procede.⁵

Freqüentemente se diz que essas verdades nas quais cremos têm uma tendência de induzir ao pecado. Tenho ouvido isso sendo afirmado de forma muito enfática, que essas elevadas doutrinas que amamos, e que encontramos nas Escrituras, induzem à licenciosidade. Eu não consigo imaginar quem terá coragem de fazer tal afirmação, quando levarem em conta que os homens mais santos têm acreditado nelas. Eu pergunto ao homem que ousa dizer que o calvinismo é uma religião licenciosa, o que ele pensa do caráter de Agostinho, de Calvino ou de Whitefield, ou quais, em épocas sucessivas, foram os grandes expoentes deste sistema da graça; ou o que dirá ele dos puritanos, cujas obras estão repletas desta doutrina?

Se naqueles dias um homem fosse um arminiano, ele seria considerado o mais vil herético vivente, mas agora, nós é que somos considerados heréticos e eles os ortodoxos. *Nós* voltamos para a velha escola; *nós* podemos traçar nossa descendência desde os apóstolos. Foi aquela veia de graça gratuita

⁴ Sem dúvida, pois responsabilidade não pressupõe liberdade. Infelizmente, muitos calvinistas não atentam para isso quando respondendo às objeções levantadas por arminianos e incrédulos. Para mais sobre o assunto, confira o excelente livro *A Soberania Banida*, de R. K. McGregor, publicado pela Cultura Cristã. (N. do E.)

⁵ Felizmente, a despeito da grandiosidade desse sermão, Spurgeon está errado aqui. Vide nota anterior. (N. do E.)

que corria através dos sermões dos batistas que nos conservou como uma denominação. Não fosse por isso, não estaríamos onde estamos hoje. Podemos traçar uma linha dourada até o próprio Jesus Cristo, através de uma santa sucessão de poderosos pais, todos defendendo essas gloriosas verdades e podemos perguntar em relação a eles: “Onde vocês encontrarão homens melhores e mais santos em todo o mundo?” Nenhuma outra doutrina é tão estruturada para preservar um homem do pecado do que a doutrina da graça de Deus. Aqueles que a têm chamado de “doutrina licenciosa” não sabem nada sobre ela.

Pobres criaturas ignorantes, eles pouco sabiam que a sua doutrina era a mais licenciosa debaixo do céu. Se eles verdadeiramente conhecessem a graça de Deus, logo perceberiam que nada nos preserva melhor da apostasia do que termos conhecimento de que fomos eleitos por Deus antes da fundação do mundo. Não há nada que se compare com a crença na minha eterna perseverança e na imutabilidade do afeto de meu Pai, que possa me manter tão próximo dele motivado pela simples gratidão. Nada torna um homem tão virtuoso quanto a crença na verdade. Uma doutrina mentirosa logo gerará uma prática mentirosa. Um homem não pode possuir uma crença errada sem que logo venha a apresentar uma vida errada. Eu creio que uma coisa naturalmente leva a outra. Dentre todos os homens, aqueles que possuem a mais desprendida piedade, a mais sublime reverência, a mais ardente devoção, são aqueles que crêem que foram salvos pela graça, sem as obras, através da fé, e esta não de si mesmos, mas pelo dom de Deus. Os cristãos devem prestar atenção e perceber que é sempre assim, a menos que Cristo venha a ser crucificado de novo e exposto à vergonha.